

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso; MENEZES, Thatiana Muylaert Siqueira. Entre traços e letras: a multiplicidade de sentidos produzida por enunciados verbo-visuais. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 01-19, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ENTRE TRAÇOS E LETRAS: A MULTIPLICIDADE DE SENTIDOS  
PRODUZIDA POR ENUNCIADOS VERBO-VISUAIS

BETWEEN STROKES AND LETTERS: THE MULTIPLICITY OF MEANINGS  
PRODUCED BY VERBAL-VISUAL UTTERANCES

Almerindo Cardoso SIMÕES JUNIOR  
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ)  
acsimoesjr@yahoo.com.br

Thatiana Muylaert Siqueira MENEZES  
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ)  
muylaertthatiana@yahoo.com.br

**RESUMO:** Esta pesquisa pretende investigar de que maneira os questionamentos políticos e sociais circulam e se constituem nas mídias sociais. O *corpus* para análise qualitativa do problema será composto por tirinhas do Armandinho (BECK, S/A) que circulam na internet, relacionando-as com a reflexão sobre as novas textualidades - com enfoque na multimodalidade - propostas por Maingueneau (2015). Com esse propósito, estará também em foco a abordagem acerca das relações semânticas (SANTAELLA, 2012). Tais conceitos são observáveis em textos que possuem parcela verbal e parcela visual em sua totalidade para a elaboração de sentidos, possibilitando assim a produção e reprodução de discursos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interdiscursividade; Verbo-visualidade; Multimodalidade

**ABSTRACT:** *This research intends to investigate how the political and social questions circulate and constitute themselves in social media. The corpus for qualitative analysis of the problem will consist of the Armandinho's short stories (BECK, S/A) that circulate on the Internet, relating them to the reflection on the new textual ties - with a focus on multimodality - proposed by Maingueneau (2015). For this purpose, the approach to semantic relations (SANTAELLA, 2012) will also be focused. These concepts are observable in texts that have a verbal portion and a visual portion in their entirety for the elaboration of meanings, thus enabling the production and reproduction of discourses.*

**KEYWORDS:** *interdiscursivity; Verb-visibility; Multimodality*

## 0. Palavras iniciais

Vivemos numa sociedade que vem, constantemente, se valendo do texto visual para a comunicação. Somos, a todo o tempo, alcançados por gêneros discursivos, oriundos de modelos tecnológicos que, cada vez mais, associam o texto verbal ao texto visual, ao áudio, e a novas configurações conforme a tecnologia se mostra mais diversificada. A produção dos discursos hoje é multimodal, ou seja, mobiliza, ao mesmo tempo, diversos canais (MAINGUENEAU, 2008a).

Dentre as práticas inerentes à multimodalidade está a necessidade de se refletir sobre os textos que passaram a circular pela internet, caso das tirinhas. Levando-se em conta que a multimodalidade propicia o surgimento de enunciados que se materializam pela complementaridade entre verbal e visual, e que esse é o modelo padrão de muitos gêneros como as charges, os memes, as tirinhas, as histórias em quadrinhos (HQs), faz-se necessário refletir sobre a discursivização presente em ambas as parcelas do texto, já que é na simbiose entre verbal e visual que esses enunciados produzem sentido.

Dessa maneira, para Maingueneau (2015, p. 160), "(...) os enunciados verbais se incrustam nas imagens ou as imagens acompanham os textos", sendo estas não imagens ou textos aleatórios, mas reflexos de escolhas feitas, que refletem posicionamentos políticos-ideológicos-sociais-mercadoológicos.

Essas propostas discursivas justificam a mudança de olhar sobre os *corpora* analisados, já que estes são, cada vez menos, puramente restritos aos escritos e cada vez mais ligados a aspectos multimodais, em especial, ao visual. Assim, indagamo-nos diante do universo de possibilidades oferecidas e trazemos alguns questionamentos: (i) Como se dá esta relação entre o verbal e o visual, tomando como ambientação os espaços multimodais? (ii) Como se dá o processo de intertextualidade? (iii) Que mecanismos são acionados pelos leitores nesse processo de construção do discurso e de formação de sentidos?

Partimos da hipótese de que discussões sobre quais habilidades de leitura são exigidas aos leitores no século XXI têm aparecido em numerosas publicações e são alvos de recentes pesquisas. Dentre os requisitos para ser um leitor eficaz na atualidade, Santaella (2012) afirma que ler não é apenas decodificar um texto impresso, mas ser capaz de consumir e produzir uma variedade de textos em tecnologias tradicionais e novas, acessando, em muitos momentos, ambientes digitais e móveis. O que precisa ser enfatizado nessas discussões são os discursos oriundos a partir da associação dos aspectos visuais e multimodais que os textos encontrarão. Como o volume de textos na contemporaneidade cresce em quantidade e complexidade, cada vez mais distribuídos em formas

digitais - além do modelo tradicional impresso - novas habilidades são necessárias no sentido de lidar com as demandas desses enunciados.

Desse modo, este artigo tem como objetivo principal analisar o gênero tirinha, em especial, as tirinhas do Beck que circulam, principalmente, no *Facebook*, com o intuito de promover uma reflexão acerca da contribuição delas para fomentar discursos políticos dentro das páginas pessoais dos internautas, e como objetivos específicos: (i) apresentar as relações de comunicação que constituem entre si e com seus leitores e (ii) refletir sobre os possíveis sentidos que as tirinhas são capazes de produzir.

Entretanto, destacamos que as reflexões que este trabalho encerra estão em seus postulados iniciais e refletem as primeiras impressões da autora e do autor em relação ao arcabouço teórico apresentado no curso Semântica Global e Subjetividade oferecido no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, ao analisarmos o universo verbo-visual, e, em especial, as tiras de Armandinho. Tais considerações possibilitarão, no decorrer dos próximos semestres, o diálogo mais profundo com seus objetos de pesquisa, bem como análises mais refinadas em se tratando do processo de letramento imagético - aspecto tão necessário na leitura e interpretação dos diversos gêneros discursivos na contemporaneidade cibernética.

## **1. Fundamentos da Discursividade**

Cada indivíduo e grupo social está inserido numa rede discursiva e dela não pode escapar. Na materialidade constituída pela manifestação dos vários discursos encontra-se o espaço em que o indivíduo se constitui sujeito, agente reelaborador de discursos, utilizando-se dos elementos já recebidos e reelaborados por ele. Este, antes indivíduo, torna-se sujeito gerador de novos discursos e por eles atravessado. Não mais apenas paciente, mas agente de um sistema social polifônico<sup>1</sup>, que passa pela leitura e interpretação dos elementos verbais e visuais presentes em textos.

Diante disso, a leitura e produção de sentidos nos enunciados é proposta pela relação entre discurso e interpretante do discurso. Sendo assim, conhecimentos sociodiscursivos e inferências<sup>2</sup>, por parte daquele que lê, tornam-se relevantes para a desconstrução de um sentido que parece explícito, já que a maior parte da discursividade apresenta-se pela "fenomenalização" do *simulacro*. Maingueneau (2008a) entende o

---

<sup>1</sup>(...) o autor pode fazer falar várias vozes ao longo do seu texto (Charaudeau; Maingueneau, 2014, p. 384).

<sup>2</sup>Será apresentado o conceito de inferência nas análises.

*simulacro* como um processo capaz de traduzir os enunciados presentes na própria língua. Isto é, os semas são ressignificados a partir das subjetivações enunciativas ao entrar em embate com outras enunciações. Para Maingueneau (2015, p. 27),

O discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como *fonte de referências* pessoais, temporais, espaciais (EU-AQUI-AGORA) e indica qual é a atitude que ele adota em relação ao que dizer e a seu destinatário (fenômeno da "modalização") (Grifos do autor).

Respaldados, principalmente, aos postulados da Análise do Discurso de base enunciativa proposta por Maingueneau (2008a), a noção para trabalhar a discursividade de um enunciado apoia-se sobre o "*Primado do Interdiscurso*". Para o autor, não se deve "acreditar" na existência de um discurso "puro", inicial. Para ele, toda manifestação discursiva está instaurada no bojo de um *interdiscurso*. Ou seja, os discursos só são validados porque possuem relação direta com outros discursos. Os discursos só "existem" porque são fruto dessa relação interdiscursiva. Neste estudo, acreditamos que o *corpus* analisado apresenta sua materialidade na relação que possui com discursos outros.

Nesse ínterim, Maingueneau (2008a) afirma que, para alguns linguistas, o *Outro* que se expõe pode ocorrer por dois princípios básicos de heterogeneidade: a *heterogeneidade "mostrada"* e a *heterogeneidade "constitutiva"*. A primeira diz respeito às formas de citação em que é de fácil percepção a presença do discurso do outro. Já a segunda, caracteriza-se pela "aparente" invisibilidade não mostrada pelo próprio discurso. Além desses fenômenos, o autor ainda aponta conceitos como o de *arquitextualidade* (GENETTE *apud* Maingueneau, 2008a, p. 32) e o de *dialogismo* (BAKHTIN *apud* Maingueneau, 2008a, p. 33), apresentando as relações que se estabelecem entre os enunciados.

Na perspectiva estudada, é a noção de *interdiscurso* a mais apropriada para a afirmação da presença de outras vozes, de forma mostrada ou não, presente nos enunciados, já que é na relação estabelecida entre as práticas discursivas que há uma "rede semântica" de significação. O *interdiscurso* (...)

[...] aparecia como um conjunto de relações entre diversos "intradiscursos" compactos. Trata-se, desde então, de subverter essa equivalência entre exterior do discurso e *interdiscurso*, para pensar a presença do *interdiscurso* no próprio coração do *intradiscurso*, o que J.-J. Courtine chama de "inconsistência de uma formação discursiva, entendida como efeito do *interdiscurso* enquanto exterior específico de uma formação discursiva" (MAINGUENEAU, 2008a, p. 36).

Além da interdiscursividade, a análise e produção de significação trazidas pelas práticas discursivas ocorrem por meio de algumas categorias que apresentam ao “dito” certa multiplicidade de sentidos. Dessa forma, essa globalização dos significados pressupostos ou subentendidos dos axiomas despontam sob algumas categorias propostas por Dominique Maingueneau (2008a), são elas: a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão.

Assim, para Maingueneau, a *intertextualidade* é a presença de um texto em outro texto e pode ser projetada em dois níveis: o primeiro chamado de *intertextualidade interna*, que necessita de uma memória discursiva para que as associações entre os textos sejam percebidas; e o segundo nível é responsável pelas marcas de outros textos presentes na superficialidade do próprio texto, a *intertextualidade externa*. Podemos observar essas marcas intertextuais nas publicidades da empresa “Hortifruti”, em que a instância midiática apresenta seus produtos atrelados a filmes, músicas, artistas..., a fim de fazer com que o leitor conceba a relação existente entre determinado venianga e seu referente de origem. Observe:

Figura 1



Fonte: <https://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/hollywood/>. Acesso em: 01 ago. 2018.

Como afirma Maingueneau (2008a), no exemplo apresentado anteriormente, pode-se perceber os níveis de intertextualidade, já que, num nível interno, é necessário que a memória discursiva do interpretante do enunciado possa abarcar a saga do filme *Kill Bill*, ou, pelo menos, reconhecer o nome e a organização visual do encarte do filme para que, assim, possa passar para o nível da intertextualidade externa, que é a de associar as cores, o formato não só das letras, como das formas geométricas presentes na propaganda, além do sintagma “*Kiwi Bill*” às informações presentes no encarte oficial do filme.

Já o *vocabulário* é responsável pela seleção do código linguageiro, ou seja, não são as palavras por si só que darão unidade significativa aos discursos, mas sim a sua definição utilizada em determinada situação de

comunicação. Além do mais, é pela escolha vocabular que a legitimidade discursiva será concretizada. Por exemplo, o vocábulo “contexto” pode ser compreendido por muitas áreas dos estudos da língua como aquilo que é externo ao texto. Entretanto, para o estudo que se propõe esta pesquisa, o contexto vai muito além daquilo que é extratexto: ele está relacionado aos poderes institucionais não só do suporte para que o discurso seja materializado, como também da relação de alteridade que estabelece na interpretação constitutiva.

Em contrapartida, falar acerca do *tema* para Maingueneau (2008a) pode ser uma espécie de “campo minado”, tendo em vista que, em um discurso, o tema pode ser estudado em sua “minuciosidade” e abordar diferentes níveis, por isso, o autor prefere trabalhar com “(...) aquilo que um discurso trata”, em qualquer nível que seja” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 81).

Figura 2



Fonte: <https://www.hortifruti.com.br/comunicacao/campanhas/hollywood/>. Acesso em: 01 ago. 2018.

No exemplo apresentado anteriormente, fica mais fácil compreender o que o autor quis dizer com o cuidado que se deve ter para tratar do tema, já que, na propaganda, pode-se observar outras temáticas além da “principal”, como, por exemplo, a credibilidade dos produtos vendidos presente no *slogan*: “Aqui a natureza é a estrela”; ou, até mesmo, sobre a intertextualidade presente no anúncio. Entretanto, o tema central do texto é o de anunciar a venda do coentro. Nesse caso, a discursividade do enunciado gira em torno da valorização do produto na venda pretendida pelo enunciado.

No intuito de legitimar sua fala, o *estatuto do enunciador e do destinatário* pressupõem a subjetividade diversa da qual depende toda a competência discursiva. “À (...) dimensão “institucional” se acrescenta certa relação do enunciador e do destinatário com as diversas fontes do saber; o que nos leva à dimensão intertextual” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 87). Nota-se que a noção de língua como instrumento de poder é plenamente aceita, já que ela não é um elemento neutro na discursividade.

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso; MENEZES, Thatiana Muylaert Siqueira. Entre traços e letras: a multiplicidade de sentidos produzida por enunciados verbo-visuais. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 01-19, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Figura 3

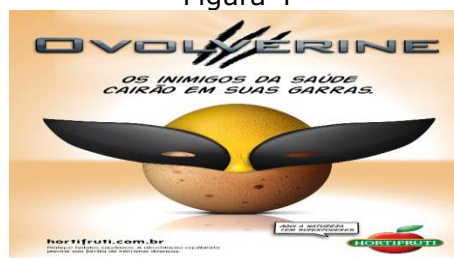


Fonte: <https://memoriesofbrazil.wordpress.com/2012/02/07/liga-da-saude-hortifruti/>. Acesso em: 07 ago. 2018.

No anúncio anterior, pode-se observar a oração "Mestres em defender sua pele", ou seja, o enunciado afirma que as uvas são boas para que a pele se mantenha bonita e saudável. Nesse contexto de produção, a oração não perde legitimidade justamente porque sua instância de produção é "conhecedora" dos alimentos e sabe a propriedade nutritiva de seus produtos, assim como suas capacidades de cura e recuperação em relação à alguma patologia. Isto não ocorre de forma involuntária, mas sim pelo conhecimento do enunciador sobre os "poderes de cura" de legumes, de verduras e de frutas.

Dessa forma, o espaço e o tempo determinado no discurso são categorizados como *dêixis enunciativa*, ela pressupõe que a instância enunciativa é capaz de restringir a cena e a época em que o discurso é construído. Não se trata, pois, de delimitar o tempo e o lugar do "agora", mas, sim, da ideia produzida no interior da enunciação, uma lógica produzida na construção do mundo descrito.

Figura 4



Fonte: <http://www.falandodevarejo.com/2011/12/ovolverine-hortifruti-encerra-campanha.html>. Acesso em: 07 ago. 2018.

Na propaganda apresentada anteriormente, temos a presença da construção cênica que gira em torno da propagação do produto por meio da relação estabelecida com o sucesso de bilheteria "Wolverine". Aqui, o tempo e o espaço se dão apenas no momento de produção do anúncio e na atemporalidade presente nesse filme, já que, devido à disseminação de roteiros *hollywoodianos* de super-heróis, esses tipos de filmes tornam-

se atemporais à medida que tanto uma criança como um adulto ou um idoso são capazes de reconhecer o longa-metragem exposto.

O *modo de enunciação* está relacionado ao “como dizer” do enunciado. É a presença do *ethos* que, por meio de marcas discursivas, linguísticas e textuais, exterioriza a centralidade de sua enunciação, mascarada por posicionamentos capazes de legitimar o dito através do como dizer. Podemos denotar que o *ethos* da rede *Hortifruti* é constituído por sua credibilidade na sociedade, isto é, através de suas publicidades, com o uso padrão da língua, o humor que passou a trazer em seus anúncios e a aparente qualidade de seus produtos, grande parcela da população compra nessa rede por confiar na “máscara” que essa instância de produção mostra sobre si. De acordo com Maingueneau (2008b, p. 53-54), a encenação da enunciação acontece sob três óticas:

[...] um investimento cenográfico do discurso faz deste último movimento em que se elabora uma re-apresentação de sua própria situação de enunciação; um investimento em um código linguageiro permite, jogando com a diversidade irreduzível de zonas de registros de língua, produzir um efeito prescritivo que resulta de uma convivência entre o exercício da linguagem que o texto implica e o universo de sentido que ele manifesta; um investimento imaginário dá ao discurso uma voz atestada por um corpo condizente com a cenografia e com o código linguageiro.

Assim, utilizando como exemplo todos os anúncios demonstrados nesta seção, podemos afirmar que essa configuração da aplicação da intertextualidade em suas propagandas “rotula” o modo de enunciação dessa instância midiática, que utiliza do humor para apresentar e vender seus produtos, fazendo com que os clientes possam se divertir comparando as características de seus produtos aos personagens principais dos filmes selecionados. Dessa forma, há a cristalização do *ethos* mostrado pela instância “Hortifruti”.

Assim, *modo de coesão* é o elemento responsável pela tessitura discursiva, aquilo que traz ao discurso a metáfora do “laço” coesivo, que produz sentido através das relações anafóricas e catafóricas que se estabelecem na interdiscursividade, trazendo esse encadeamento progressivo à enunciação. Ou seja, a motivação da escolha lexical dá-se no decorrer do próprio discurso, dando preferência ao que tornará seu discurso mais coeso e coerente.

Ainda sustentados pelos exemplos apresentados, pode-se dizer que o modo de coesão, presente nos enunciados expostos, é estabelecido na dependência que há entre o verbal e o visual. É na tessitura e no jogo entre o que se vê, se articula virtualmente e o que se lê que os enunciados são capazes de produzir humor relacionado aos produtos “anunciados”.



Através dessas categorias, o significado global dos discursos apresentados oral, verbal ou visualmente podem dialogar através do simulacro que se faz perceber na junção de todos ou alguns elementos expostos anteriormente. Sendo assim, a ideia de “simular” é justamente fazer com que as ideias pretendidas discursivamente possam ser interpretadas ou “traduzidas” de distintas formas a depender da seleção vocabular e imagética.

Na tentativa de mostrar a legitimidade e credibilidade dos *objetos discursivos* visuais ou apresentados verbo-visualmente, a próxima seção trará conceitos acerca dos postulados da Semiótica, defendidos por Santaella (2012), sobre a leitura de textos que apresentam mais de uma parcela.

## **2. Os objetos discursivos visuais na construção e reconstrução do discurso**

Distanciando-nos da via seguida até aqui, convencionaremos, por comodidade, chamar de “textos” os diversos tipos de produções semióticas que pertencem a uma prática discursiva. Fazendo, conformamo-nos, aliás, um uso cada vez mais comum nas ciências humanas, nas quais se fala constantemente de “texto”, ou até de “discurso” musical, pictórico, arquitetônico... (MAINGUENEAU, 2008a, p. 139)

A citação apresentada anteriormente revela a aceitabilidade, por parte de Maingueneau (2008a), em sustentar que os componentes não verbais também são elementos discursivos e que participam ativamente da coesão do enunciado em que apareça. Nota-se que, para um autor acostumado a mostrar a discursividade da língua por meio do linguístico, afirmar a “textualidade” de enunciados visuais já legitima a discursividade dessas proposições. Assim, Maingueneau (2008a) atesta a discursividade dos elementos imagéticos da seguinte forma:

Limitar o universo discursivo unicamente aos objetos linguísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa “intersemiótica”, mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes semióticos não são independentes uns dos outros, estando submetidos às mesmas escansões históricas, às mesmas restrições temáticas etc... (MAINGUENEAU, 2008a, p. 137-138)

Ratificando a citação, Lúcia Santaella (2012) irá dizer que não podemos mais chamar de leitor apenas aqueles que leem letras e palavras, mas sim os capazes de ler semáforos, placas de trânsito, desenhos e informações que são apresentadas de maneira visual. Se o

nível discursivo é estabelecido pelas instituições que determinado enunciado suporta, por que considerar discursivo apenas os elementos verbais? Os elementos visuais não são capazes de apresentar enunciados coerentes e coesos por meio do que é visto?

Acredita-se que, em enunciados verbo-visuais, a parcela visual também contribui para a discursividade do texto, tendo em vista que, por exemplo, em HQs (Histórias em Quadrinhos) a interpretação e compreensão total do enunciado dá-se apenas pela leitura sincronizada feita por meio de ambas as parcelas. Nas pinturas, pode-se observar um encadeamento progressivo, assim como nos textos verbais, de uma leitura feita de cima para baixo, da esquerda para a direita. Ao lermos “*Guernica*” de Picasso, podemos compreender a carnificina apresentada pelos traços marcantes do pintor, e não apenas pelo título dado ao quadro através dos elementos linguísticos.

Desse modo, podemos dizer que, à medida que as palavras descrevem os elementos presentes num enunciado, as imagens mostram/ilustram o que as palavras teriam mais dificuldade em traduzir. Santaella e Nöth (2012) afirmam que, enquanto as palavras ativam mais os efeitos cognitivo-conceituais, as imagens agem de maneira afetivo-relacional.

Que em um enunciado verbal as informações podem ser apresentadas de forma mais minuciosa é inegável, entretanto, inegável também é não levar em conta a afetividade dos textos visuais, justamente porque eles captam o leitor numa velocidade que não é prevista pelo linguístico. Logo, pode-se afirmar que em jornais, por exemplo, a captação do grande público dá-se não só pelas letras grafadas - “desenhadas” - nas manchetes, como também pela fotografia selecionada para compor aquele conjunto discursivo jornalístico.

Em *Leitura de Imagens: Como Eu Ensino*, Lúcia Santaella (2012) apresenta quatro categorias para que se possa analisar um conjunto de textos<sup>3</sup>. Para a autora, estas categorias podem acontecer sob os princípios da dominância, da redundância, da complementaridade ou da discrepância (ou contradição). Sendo assim, a *dominância* pode ser vista nas pinturas em que há a presença de um texto visual que é claramente mais informativo que o verbal, seu título por exemplo. A relação de *redundância* acontece quando há a presença de um texto visual apenas para reforçar a temática presente em um enunciado verbal ou representar situações presentes no enredo de uma narrativa, como podemos observar em textos utilizados para atividades de leitura e interpretação em livros didáticos de Língua Portuguesa, em que podemos encontrar o mesmo texto em outros suportes sem a imagem/ilustração

---

<sup>3</sup>Chamamos de conjunto de textos a presença de um texto verbal e um visual em um mesmo suporte.

que foi alocada próximo a ele. A relação de *complementaridade* é aquela em que há a necessidade de se efetuar a leitura de ambas as parcelas de forma simultânea, ou seja, tanto o verbal quanto o visual são efetivamente importantes para sua leitura, como no caso das HQs, tirinhas, livros ilustrados. Por último, a relação de *discrepância* ou *contradição*, em que a parcela verbal nada tem a ver com a parcela visual - parece que as informações foram alocadas de forma equivocada; como a autora apresenta no exemplo da pintura de René Magritte "Isto não é um cachimbo", em que o linguístico fala uma coisa e o visual mostra outra.

Como relação predominante para o que pretende o estudo, especificaremos a relação de complementaridade, tendo em vista que é a que está presente no *corpus* apresentado. Assim, na leitura e interpretação de textos em que essa produção aparece, pode-se dizer que há uma espécie de justaposição de informações apresentadas verbo-visualmente que faz com que o leitor entenda que o enunciado somente trará sua discursividade no decorrer da leitura do 'todo'. Assim,

[...] quando ambas as fontes de informação, imagem e texto, são importantes para se compreender o significado global de uma mensagem, tem-se uma relação de complementaridade. O texto pode apresentar lacunas que são preenchidas pela imagem<sup>4</sup> e vice-versa. [...] Frequentemente, a complementaridade entre texto e imagem consiste no fato de que ambos se complementam a partir de seu potencial específico: a imagem informa com recursos deferentes do texto, na medida em que mostra aquilo que, linguisticamente, é difícil de apresentar (SANTAELLA, 2012, p. 115).

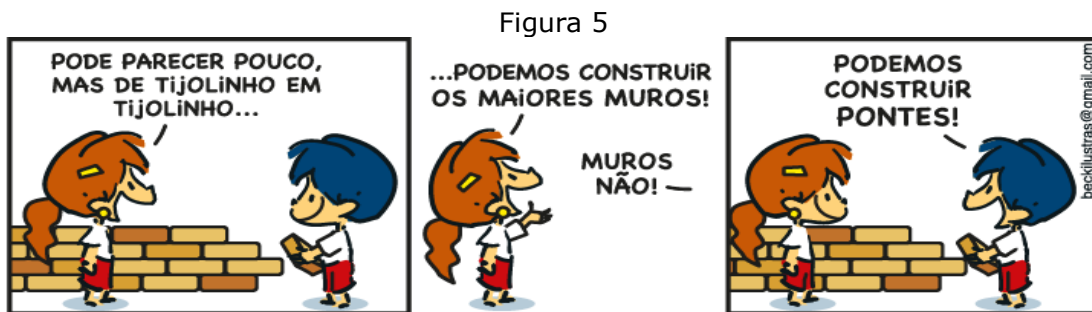
Dessa forma, pode se afirmar que as imagens participam do "*modo de coesão*" para a produção de discursos em textos verbo-visuais, já que a parcela visual presente nas HQs, por exemplo, exercem grande papel referencial, podendo até comprometer a discursividade do enunciado. Logo, o visual também introduz, mantém ou desfocaliza os *objetos discursivos* por meio daquilo que se pode ler visualmente.

Koch e Elias (2010) vão dizer que, como estratégia de referenciação, os referentes podem introduzir, manter ou desfocalizar os *objetos discursivos*. Assim, esses recursos ocorrem da seguinte maneira: quando um "objeto" é introduzido pela primeira vez ao enunciado, há uma *introdução*, colocando este elemento em foco no texto; quando este mesmo "objeto" é reapresentado em outro momento da enunciação, há

---

<sup>4</sup>Apesar de utilizar a bibliografia de Santaella para explicar a relação de complementaridade entre as parcelas do texto, não compactuamos com a nomenclatura utilizada pela autora ao falar acerca dos textos visuais, pois, à medida que opta pelo sintagma "imagem", parece não legitimar a discursividade que há nos elementos visuais.

a *manutenção* dele; e, quando o “objeto” que está em foco é substituído por outro elemento, há a *desfocalização*, ou seja, esse novo “objeto” apresentado passa a ocupar a posição focal no enunciado. Na tirinha abaixo, pode-se observar como ocorre essa metáfora coesiva.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>. Acesso em: 07 ago. 2018.

Na tirinha apresentada anteriormente, podemos perceber que, em textos que se configuram quadro a quadro, o narrador se dá por meio de um estímulo virtual que se imagina à medida que passamos de um quadro para o outro. Desta forma, os *objetos discursivos* (Armandinho e sua amiga) são introduzidos e mantidos pelo que é mostrado. É pela parcela visual, principalmente, que se pode afirmar ter dois personagens na narrativa. No segundo quadro, há a desfocalização dos *objetos discursivos* alterados pela manutenção visual de apenas um personagem – a menina. O personagem Armandinho é mantido pelo verbal através de sua fala: “muros não!”. No último quadrinho, a amiga de Armandinho é mantida ainda pelo visual, e Armandinho é reativado, também pelo texto visual, para a sequência narrativa. É através desses elementos visuais que podemos notar o elo coesivo nesses gêneros que possuem a relação de complementaridade, ou seja, parcela verbal e parcela visual se correlacionam para produzir sentido.

Sendo assim, é importante reconhecer que as imagens são textos produtores de discurso e que sua leitura deve ser ensinada, já que participam da coesão e coerência do texto, trazendo consigo “elos” para dar o encadeamento progressivo aos enunciados. Por isso, há uma necessidade desse letramento imagético em relação à leitura de imagens, para que se possa reconhecer, nos próprios traços imagéticos, sua discursividade.

### 3. Construindo sentidos

Como já foi visto, a relação entre verbal e visual é capaz de suscitar emoções e leituras tanto quanto textos produzidos puramente de forma verbal. Assim, não levar em conta o visual para a produção de sentido de

enunciados é desconsiderar parte de sua discursividade, ou seja, apenas pelo enlaçamento entre as parcelas do texto que a significação total do enunciado será interpretada.

A insatisfação da população brasileira acerca da política apresentada neste século – em que há escândalos de corrupção, artimanhas políticas e o descaso, principalmente, com a saúde e educação da grande massa –, faz com que se produza uma quantidade enorme de textos para expressar tamanha indignação não só mediante enunciados verbais, como também através de textos visuais ou verbo-visuais, como, por exemplo, os memes, as tirinhas, as charges etc.

Numa produção verbal, o detalhamento por meio do linguístico faz com que o leitor possa, na coesão textual, identificar os elementos lexicais que norteiam tais indignações através da descrição e atribuição de adjetivos, a depender do posicionamento político adotado no enunciado. Nos textos visuais, ou verbo-visuais, essa coesão ocorre através da relação referencial que se estabelece entre verbal e visual. À medida que o linguístico descreve, o imagético possibilita a retomada através da inferência que é possível pelos traços e cores apresentados.

A *dêixis enunciativa*, proposta no texto verbal, é definida pela caracterização detalhada, atribuída ao enunciado pelas marcas linguísticas escolhidas para sua produção. Assim, mesmo que o leitor não esteja a par de tal assunto, é mais fácil identificar a temática produzida nesses gêneros discursivos. Em contrapartida, a leitura de enunciados visuais ou verbo-visuais demanda do leitor um conhecimento prévio para que se possa inferir, na relação de complementaridade, a intenção comunicativa de determinado enunciado, ou seja, é por meio das pistas deixadas na mostraçãõ dos *objetos discursivos* que a inferência é produzida. Para Dell'Isola (2001), a inferência nada mais é que

[...] um processo cognitivo que gera uma informação semântica nova, a partir de uma informação semântica anterior, em um determinado contexto. Inferência é, pois, uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre somente quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca, extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche "vazios" textuais. O leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por contextos psicológico, social, cultural, situacional, dentre outros (DELL'ISOLA, 2001, p. 44).

Desse modo, os questionamentos presentes no dia a dia dos brasileiros, em relação ao futuro político do país, são marcados em inúmeros suportes – a internet é um deles, principalmente nas redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, em que há, de forma explícita, o

descontentamento da grande massa com toda essa situação presente no contexto brasileiro atual. Sendo assim, as críticas ocorrem de forma ligeira e humorística, através da captação do internauta, primeiramente, pela mostraçãõ dos *objetos discursivos* e, depois, pelo interesse do leitor a determinado assunto.

Nesse quesito, as tirinhas, principalmente as do Beck (S/A), que circulam, em sua maioria, na internet, podem funcionar como uma espécie de charge, já que não só apresentam uma narrativa curta com tom humorístico, mas, essencialmente, por promover uma reflexão acerca de determinado tema de forma satirizada. Diferente de outros gêneros discursivos, as tirinhas, que circulam na página do *Facebook*, não vêm acompanhadas de uma reportagem ou uma crônica que auxilie na explicação ou sustentação daquilo que é enunciado, ela depende, principalmente, das implicações que permeiam a vida dos leitores.

Tendo em vista isso, para análise, serão apresentadas tirinhas do Armandinho (BECK, S/A) – que tiveram sua carreira iniciada na internet, possuindo, inclusive, página no *Facebook*<sup>5</sup>-, a fim de desvelar a discursividade existente nas parcelas visual e verbal desse gênero do discurso que, como uma espécie de laço coesivo, traz significado ao enunciado verbo-visual por meio da complementaridade presente. Logo, percebe-se que tanto a parcela verbal quanto a parcela visual do texto são essenciais para a produção de sentido nesses enunciados.

Sendo assim, o *corpus* representativo estabelece uma abordagem qualitativa que visa de modo indutivo e dedutivo (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014) ratificar as informações presentes no aporte teórico para as análises propostas. É indutivo porque, em um processo mental, constatam-se, por meio de inferências, algumas verdades observadas de forma empírica. É dedutivo por acreditar na veracidade das afirmações constatadas por meio da indução, ou seja, apresenta de forma lógica os antecedentes e consequentes da argumentação apresentada verbo-visualmente. As tirinhas mostradas a seguir irão elucidar as noções teóricas apresentadas até aqui.

---

<sup>5</sup> Página do personagem Armandinho no *Facebook*: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>. Acesso em: 22 ago. 2020.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>. Acesso em: 30 jun. 2018.

Na tirinha apresentada anteriormente, há a presença de dois personagens que são introduzidos e mantidos no encadeamento do texto de forma visual. Ou seja, num primeiro momento, os personagens são introduzidos e ativados ao passo em que se lê as imagens. A relação que há entre eles é de pai e filho, visto que, apenas pelo verbal, pode-se afirmar isto. No primeiro quadrinho, temos a presença de Armandinho ouvindo de seu pai que não irão viajar nessas férias, entretanto, poderão ir ao parque. Essa afirmação pode ser feita porque no quadrinho subsequente aparece, pela metade, a presença de um adulto - cuja interpretação é motivada, também, devido à diferença de altura que existe entre os personagens. Nesse quadrinho, o pai diz ainda que podem ir, mas pede para que ele não peça nada. Chateado, Armandinho diz: - "Tá bom...". Só é possível ver, nesse quadro, a tristeza do menino ao passo em que se lê e interpreta sua feição, que não foi desenhada com a posição do traço que marca a boca para cima (característica de felicidade) e, sim, para baixo, mostrando insatisfação. No último quadrinho, há a manutenção dos dois personagens também pelo visual; e, na fala de Armandinho, lemos: - "Ai que saudade da crise...".

Nesse breve recorte acerca do texto apresentado, nota-se que os elementos referenciais não são apenas linguísticos, mas sim a todo um componente que contribui para a tessitura do texto, como foi visto anteriormente. Desta forma, ratifica-se a veracidade da categoria apresentada por Santaella (2012), que dispõe sobre a complementaridade presente nos enunciados verbo-visuais.

Como se vê, a temática principal da tirinha é a política, em especial a crise declarada por tantos brasileiros nos últimos anos. Ao falar para Armandinho da impossibilidade da viagem, seu pai já apresenta, de forma subentendida, a insatisfação com a atual situação do governo brasileiro, já que viajar pode ser sempre uma diversão. Assim, o modo de enunciação apresentado na tirinha dispõe não só de elementos linguísticos, como também visuais. A presença das reticências na fala do pai - nos dois períodos lidos no primeiro quadro - contribui para que se

possa inferir a tristeza por parte desse personagem. A oração em que o pai pede para que Armandinho não peça para comprar nada já diz muito sobre os brasileiros, tendo em vista que reflete a realidade da maioria dos brasileiros, a falta de dinheiro devido aos “problemas” sociopolíticos enfrentados pelo governo.

No último quadrinho, na expressão: “Ai que saudade da crise...”, a mostraçãõ do menino com a cabeça levemente baixa, puxando um objeto que parece um tipo de brinquedo e a data apresentada entre o segundo e terceiro quadrinho (2017) produz, semanticamente, a saudade do personagem em relação a outros tempos ou a outros governos.

Faz-se mister destacar também que, ao se referir a palavra crise, Armandinho se refere a um discurso outro – há um determinado grupo de pessoas que afirmava que a crise existia no governo anterior. Ao que parece, a conclusão do personagem é a de que, enquanto havia outro presidente no poder, a crise era vivenciada de outra forma, pois se podia continuar fazendo coisas que não se podem fazer hoje, dentre elas, viajar ou comprar coisas no parque.

O próximo exemplo também expõe, por meio da relação verbo-visual, a produção de sentido e o encadeamento progressivo no texto não só pelas pelo verbal, mas também pelos componentes discursivos visuais.



Fonte: <https://oliviaalves.wordpress.com/2013/07/24/armandinho/>. Acesso em 30 jun. 2018.

Assim como na figura 1, o exemplo anterior introduz e mantém os *objetos discursivos* por meio do visual, no primeiro e no segundo quadrinho respectivamente. Assim, é só na mostraçãõ desses elementos que podemos identificá-los, nomeá-los e localizá-los. Dessa forma, pode-se afirmar que o espaço discursivo da produção do enunciado apresentado no texto é uma cozinha, identifica-se isso por meio do fogão presente nas duas imagens.

No primeiro quadrinho, Armandinho indaga: - “Pai, vai demorar muito?”, e no segundo completa: - “minha barriga já está se manifestando”. Num nível mais abstrato, porém real, a temática proposta pela tirinha, além da comida, também se trata do universo da política,



tendo em vista o sintagma selecionado no enunciado para falar sobre a fome do Armandinho. Quando o personagem utiliza o sintagma “manifestando” em detrimento de “roncando”, por exemplo, a produção de sentido produzida no texto muda completamente, já que, antes, tratava-se de alimentação, e passou a tratar-se de desejos e insatisfações de uma grande população, o povo brasileiro. O sintagma produz, de forma interdiscursiva, uma conexão às manifestações ocorridas em todo Brasil contra o governo atual e o governo anterior. A interdiscursividade do sintagma se dá ao passo em que se pode fazer essa relação às muitas vozes, proporcionado pela escolha vocabular do texto. Nesse caso, o texto mostra um discurso de revolta populacional velado através da relação complementar que há entre as parcelas do enunciado, enfatizando o sintagma empregado. Pode-se observar a “força” discursiva dos sintagmas também por meio do próximo exemplo.

Figura 8



Fonte: [http://coral.ufsm.br/arco/Digital/Noticia.php?Id\\_Noticia=254](http://coral.ufsm.br/arco/Digital/Noticia.php?Id_Noticia=254). Acesso em: 30 jun. 2018.

Assim como os outros exemplos, o anterior também se configura discursivamente por meio da relação complementar entre parcela verbal e parcela visual. Pode-se observar, no primeiro quadrinho, também como nos outros textos, a presença da introdução dos *objetos discursivos* – Armandinho e seu pai – pelo visual. No linguístico tem-se: “Eles sempre falam alto, com raiva...”; e continua no segundo quadrinho: “... com vontade de punir quem é diferente...”; e no terceiro: “Eu tenho medo do “cidadão de bem”!”. Nota-se que os *objetos discursivos* são mantidos e produzem coesão entre si, principalmente, por meio do visual, já que o linguístico expõe as indagações apresentadas por Armandinho, e o visual contribui para a complementação do todo discursivo.

A temática desvelada pelo enunciado verbo-visual é uma censura à sociedade atual, que tende a criticar e crucificar o diferente, como se todas as pessoas do mundo fossem iguais. Gêneros discursivos que se configuram por mais de uma parcela de texto tendem a mostrar de forma humorística ou satírica problemas cotidianos, como ocorre na tirinha.

Assim, constata-se a importância do modo coesivo apontado por Maingueneau (2008a) para compreender o linguístico, pois num movimento referencial catafórico é que se consegue compreender que o uso do pronome pessoal "eles", introduzido pela fala do personagem no primeiro quadrinho, refere-se a cidadãos de bem. Outro ponto relevante para desvelar a discursividade no enunciado, assim como no exemplo anterior, são as escolhas lexicais que compõem o sintagma "cidadão de bem" com o uso das aspas, ou seja, esse recurso linguístico e estilístico foi utilizado com o intuito de ironizar e satirizar as pessoas que assim se "autointitulam", já que o bem que parecem propagar é apenas o seu bem.

Até aqui, percebe-se que o visual contribui para a discursividade de todos esses enunciados, principalmente, por meio dos traços que representam suas faces, mostrando satisfações ou insatisfações perante o que descreve o verbal. Ademais, observa-se que a interdiscursividade está presente em todos os exemplos, já que expõe questões político-sociais enraizadas na comunidade.

#### **4. Palavras finais**

Somos constituídos enquanto sujeitos através dos discursos. Na e pela palavra nos posicionamos, reverberamos filiações, nos atrelamos a este ou aquele movimento subjetivo e também nos tornamos seres políticos. Estas primeiras décadas do século XXI, porém, têm-nos apresentado novos modelos de leituras e posicionamentos diante do mundo e da sociedade na qual vivemos. Não que a leitura da imagem e a percepção desta como elemento intrínseco ao escrito seja inteiramente nova, mas novo deve ser o olhar daquelas/es que pesquisam sobre este *corpus*.

Inundados pela possibilidade de textos que o universo multimodal nos oferece, vivendo dias de crise política e social, as tirinhas, num âmbito mais geral, e as de Armandinho, criadas por Beck, em particular, possibilitam-nos a reflexão sobre um universo imagético nem sempre possível de ser retratado ou compreendido em sua totalidade de sentidos através do escrito, sendo a imagem aquela que aparece em primeiro plano, como o grande elo comunicativo e condutor da mensagem inicial do autor.

Claramente, tal debate reflete a necessidade de maior análise em relação as identidades verbo-visuais dos textos, entendendo o visual como elemento constituinte da discursividade dos enunciados, além de carregada e atravessada por sentidos. Tais processos são de fundamental importância para a construção de leitores mais competentes, dado o fato de os textos multimodais e a intrínseca relação entre a palavra e a imagem serem parte de um processo premente e irreversível na aldeia global contemporânea.

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso; MENEZES, Thatiana Muylaert Siqueira. Entre traços e letras: a multiplicidade de sentidos produzida por enunciados verbo-visuais. *Revista Intercâmbio*, v.XLVII: 01-19, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

## 5. Referências bibliográficas

BECK, Alexandre. Tirinhas do Armandinho. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>. Acesso em: 30 jun. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.

DELL'ISOLLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte Formato Editorial, 2001.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gêneses dos Discursos*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Cenas da Enunciação*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens – como eu ensino*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

\_\_\_\_\_.; NÖTH, Winfried. *Imagem, cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2012.